

LT 141



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE  
FACULDADE DE LETRAS  
*DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA*

**Aspectos da Situação Sociolinguística da Ilha de Bazaruto**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane

Feby Victor Gomes

Maputo, 2003

**LT.141**

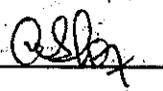
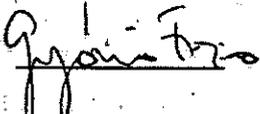
**ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA ILHA DE  
BAZARUTO**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para  
obtenção do grau de Licenciatura em **Linguística** da Universidade Eduardo  
Mondlane por **Feby Victor Gomes**

**Departamento de Linguística e Literatura**  
Faculdade de Letras  
Universidade Eduardo Mondlane

**Supervisor: Prof. Doutor Gregório Firmino**

Maputo, 2003

O Júri			
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	Data
			<u>  /  /  </u>

U.E.M. - F.L.C.S.  
R. E. 30310  
DATA 16.10.05  
AQUISIÇÃO Oferta  
COTA LT-141

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais António Victorino Gomes e Joana Matos João, aos meus irmãos Victor Pedro, Maria Lili, Páscoa, Victor de Jesus e Maria Luísa e, em especial, ao Albino Mondlane cujo apoio moral foi instigador para o empreendimento deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Doutor Gregório Firmino, meu supervisor, pela incomensurável ajuda e paciência demonstradas ao longo da realização deste trabalho, pois, muito amavelmente, conseguiu orientar-me durante este período e, acima de tudo, mostrou-me o quão deve-se ser paciente durante a elaboração de um trabalho científico.

Ao colectivo de professores do Departamento de Letras Modernas pelos ensinamentos ministrados.

Ao dr. Victor Gomes pela inestimável ajuda moral e financeira prestada ao longo do curso e principalmente na realização do trabalho de campo.

A toda comunidade de residentes da Ilha de Bazaruto pela solidariedade, amizade, interesse e ajuda prestada durante o meu trabalho de campo e em especial ao senhor Tomás Manasse.

Aos meus pais, irmãos e amigos pela coragem e carinho transmitidos nos momentos de grande indecisão.

Ao meu namorado pela maturidade, paciência e compreensão demonstradas nos momentos de grande irritação e desânimo.

Por último, agradeço a todos aqueles cujos nomes não mencionei, mas que directa ou indirectamente contribuíram para que e especificamente esta fase da minha formação se tornasse realidade.

## RESUMO

A língua funciona como principal instrumento de comunicação. Mas, o facto de ela ocorrer dentro de uma sociedade, faz com que esta esteja sujeita à influência de factores externos a ela. O uso da língua muitas vezes encontra-se associado a estes factores.

Em sociedades multilingues, a dinâmica da escolha de uma ou outra variante de língua ou línguas está igualmente relacionada com factores sociais e com a atitude dos falantes perante o repertório linguístico a eles disponível.

O estudo apresentado procura mostrar como são efectuadas as interacções sociais na Ilha de Bazaruto, tendo em conta as práticas linguísticas.

De modo que, a dissertação, para atingir este objectivo, encontra-se estruturada em sete capítulos organizados da seguinte forma: capítulo 1, no qual fazemos a introdução, apresentamos os problemas levantados e as hipóteses de trabalho, os objectivos, a motivação, a contribuição e as limitações do mesmo; capítulo 2 constituído pela revisão bibliográfica que dá o suporte teórico ao trabalho incluindo os conceitos básicos para análise; o capítulo 3, onde apresentamos a caracterização da área de estudo, neste caso a Ilha de Bazaruto; o capítulo 4, que se refere às metodologias adoptadas no trabalho; o capítulo 5, que é o capítulo onde fazemos a apresentação dos dados, o capítulo 6 onde procedemos à análise dos dados e por fim o capítulo 7 em que apresentamos as conclusões e deixamos algumas recomendações.

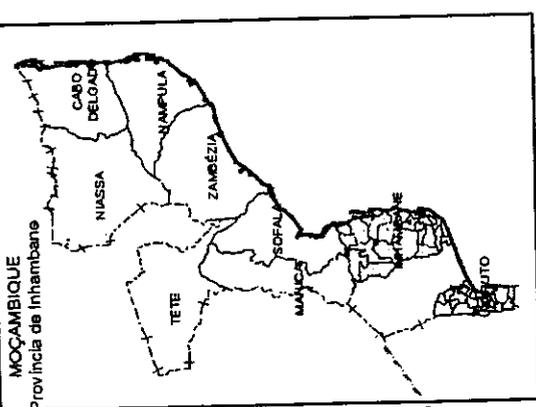
Em anexo estão os dados referentes ao léxico do xihoka e o inquérito sociolinguístico que serviu de base para as entrevistas efectuadas no terreno.

Na análise dos usos linguísticos da Ilha de Bazaruto, dizer que para além da atitude dos falantes nativos e residentes em relação a sua língua, a opção por esta ou por outra língua que faça parte do seu repertório linguístico é influenciada por alguns factores sociais.

No que concerne ao xihoka, este é do domínio quase que exclusivo dos nativos da ilha e se circunscreve em termos de uso, aos limites da ilha.

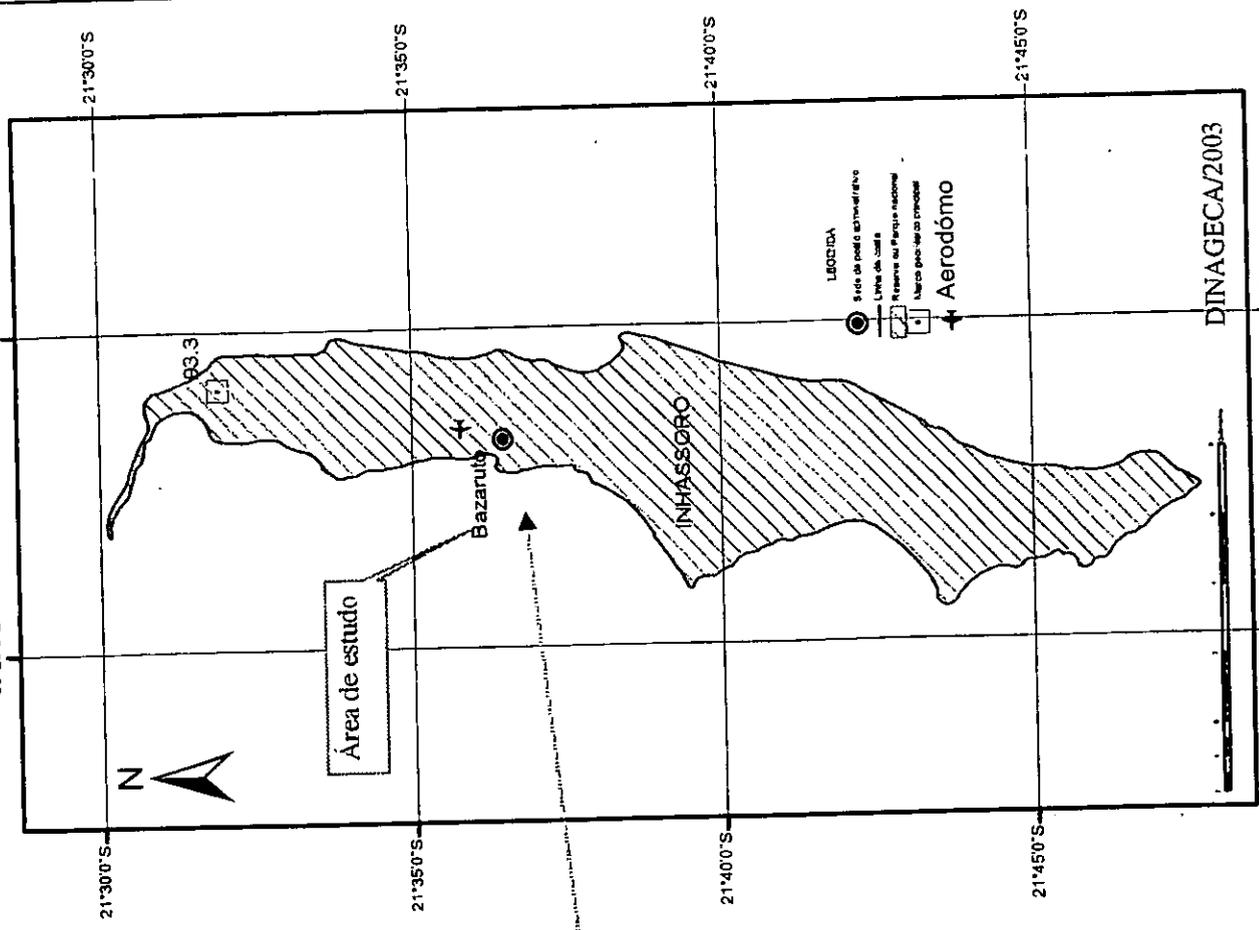
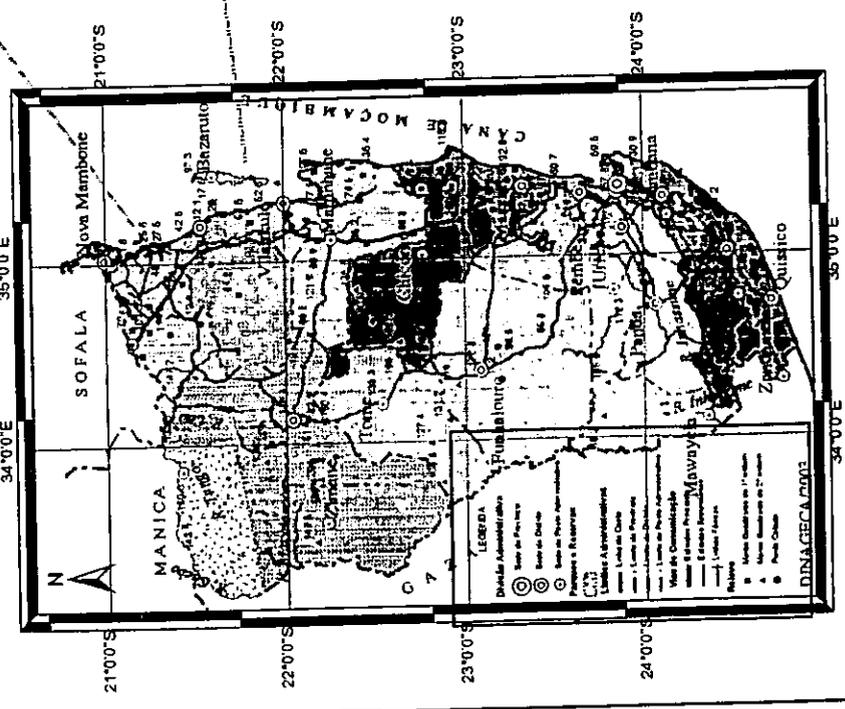
PROVINCIA DE INHAMBANE

Distrito de Inhassoro  
Posto Administrativo da Ilha do Bazaruto 35°30'0"E

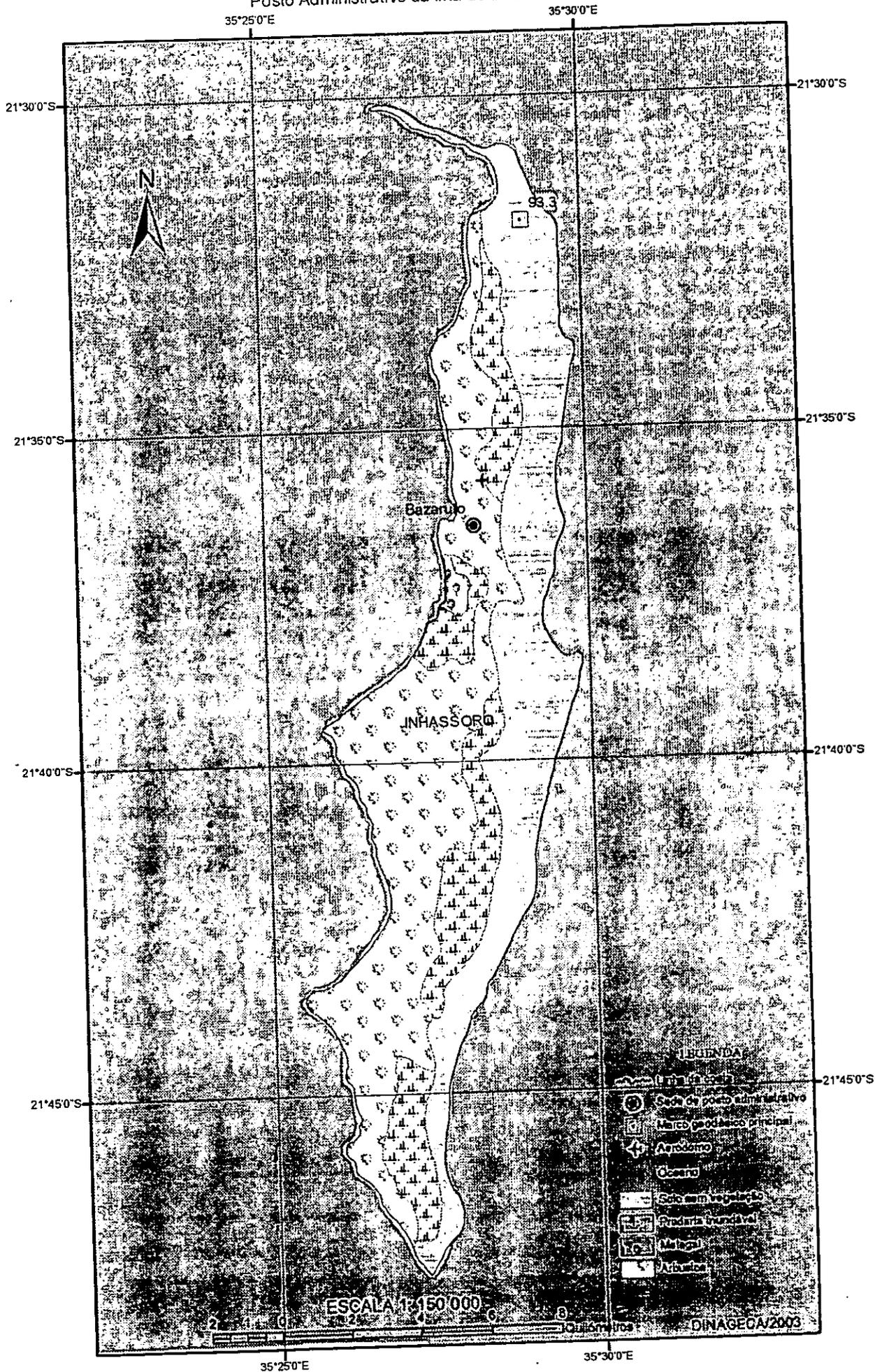


DISTRITO DE INHASSORO  
Posto Administrativo da Ilha de Bazaruto  
Enquadramento Regional

MOÇAMBIQUE  
PROVINCIA DE INHAMBANE



PROVINCIA DE INHAMBANE  
 Distrito de Inhassoro  
 Posto Administrativo da Ilha do Bazaruto



ESCALA 1:150 000

DINAGECA/2003

## ÍNDICE

	Pág.
DEDICATÓRIA.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO.....	iii
CAPÍTULO I: Apresentação do trabalho.....	1
1.0. Introdução.....	1
1.1. Problema.....	2
1.2. Hipótese.....	3
1.3. Objectivo.....	4
1.4. Motivação.....	4
1.5. Contribuição.....	5
1.6. Limitações.....	5
1.7. Resumo do capítulo.....	6
CAPÍTULO II: Revisão bibliográfica.....	7
2.0. Introdução.....	7
2.1. Enquadramento teórico.....	7
2.1.1. Enquadramento sociolinguístico.....	7
2.2. Alguns conceitos operatórios.....	10
2.2.1. A língua e a comunidade linguística.....	10
2.2.2. A competência linguística vs competência comunicativa.....	12
2.2.3. Línguas em contacto.....	13
2.3. Resumo do capítulo.....	14
CAPÍTULO III: Caracterização da Ilha de Bazaruto.....	15
3.0. Introdução.....	15
3.1. Localização geográfica da Ilha de Bazaruto.....	15
3.2. O povoamento da Ilha de Bazaruto.....	16
3.2.1. A origem dos habitantes da Ilha de Bazaruto.....	16
3.2.2. Caracterização étnica dos nativos da ilha.....	19
3.2.3. A economia da ilha.....	20

3.3. Resumo do capítulo.....	21
CAPÍTULO V: Metodologias.....	22
4.0. Introdução.....	22
4.1. Plano metodológico.....	22
4.1.1. Procedimentos de recolha de dados.....	24
4.1.2. Caracterização dos informantes.....	25
4.1.3. Constituição do corpus.....	27
4.2. Resumo do capítulo.....	29
CAPÍTULO V: Apresentação dos dados.....	30
5.0. Introdução.....	30
5.1. O léxico .....	30
5.2. As entrevistas.....	32
5.2.1. Identificação dos informantes alvo.....	32
5.2.2. Saber quais as línguas que se falam na ilha.....	33
5.2.3. Saber como os pais falam com os seus filhos.....	33
5.2.4. Qual a atitude dos nativos em relação às línguas faladas.....	34
5.2.5. Razões que levam a que os nativos aprendam outras línguas.....	36
5.3. Resumo do capítulo.....	37
CAPÍTULO VI: Análise de dados.....	38
6.0. Introdução.....	38
6.1. O léxico.....	38
6.2. A língua e as interacções sociais na ilha de Bazaruto.....	40
6.2.1. O xihoka e o contacto com outras línguas.....	40
6.3. Resumo do capítulo.....	46
CAPÍTULO VII: Conclusão.....	47
7.0. Introdução.....	47
7.1. Conclusões.....	47
7.2. Recomendações.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	50
ANEXOS.....	54

## CAPÍTULO I

### Apresentação do trabalho

#### 1.0. Introdução

O presente trabalho visa desenvolver um estudo de carácter sociolinguístico na ilha de Bazaruto, situada na costa oriental de África, mais concretamente em Moçambique, na província de Inhambane e subordina-se em termos administrativos ao distrito de Inhassoro.

Neste trabalho far-se-á referência a aspectos sociolinguísticos, com particular destaque para as práticas linguísticas no âmbito das interacções sociais.

O princípio orientador deste trabalho assenta na necessidade de dar a conhecer como são efectuadas as interacções sociais e nelas verificar as estratégias linguísticas da escolha e usos de línguas.

A razão deste trabalho basea-se por um lado no facto de existirem estudos sobre a relação língua e sociedade mas tendo normalmente em conta o português. No caso de Moçambique que é um país multilingue importa ver como é que a relação língua *versus* sociedade se mantém em contextos em que o português não é a língua preferencialmente "escolhida" para as interacções sociais diárias, isto é, é preciso considerar outras situações onde são usadas outras línguas e saber qual é o valor dessas línguas. Por exemplo o citshwa, o xihoka entre outras línguas existentes na Ilha de Bazaruto.

Por outro lado o trabalho vai incidir sobre a Ilha de Bazaruto porque não á estudos sobre as línguas que se usam nas interacções sociais nesta ilha.

### 1.1. Problema

O uso das línguas bantu em África muitas vezes prende-se com questões ligadas à identidade dos povos ou valores simbólicos que elas incorporam. De acordo com o Siteo e Ngunga (2000:191) em algumas regiões da província de Inhambane no geral e em Vilanculos e regiões circunvizinhas em particular fala-se o citshwa<sup>1</sup>. No entanto, na Ilha de Bazaruto para além do citshwa fala-se outra língua que é nativa da região insular<sup>2</sup> e também fala-se o português, o inglês entre outras línguas.

Confrontamos este dado com a afirmação contida em Rita-Ferreira (1975:49) fazendo alusão a Arnaldo Sequeira que coloca como hipótese o facto dos “*«hahocas»* que habitam o Arquipélago do Bazaruto serem descendentes de Vandaus levados de Sofala pelos Árabes”, baseando-se nas semelhanças linguísticas que existem entre o xihoka (língua falada pelos habitantes da ilha<sup>3</sup>) e o xisena, língua falada na região compreendida entre Sofala e Manica.

Não sendo o sena a língua dos ndaus a afirmação de Rita-Ferreira torna-se problemática, para além da relação do xihoka e ndau que também é problemática (por via da primeira relação). Na região acima referida por este autor fala-se a língua ndau (Siteo e Ngunga, 2000:137). A partir deste dado já podemos fazer a ligação entre o xihoka e cindau assim como entre os povos da ilha e os vandaus citados em Rita-Ferreira.

---

<sup>1</sup> O nosso estudo vai-se centrar nesta região do país daí a referência à mesma incluindo a língua que se fala.

<sup>2</sup> Insular refere-se a tudo o que está ou é pertença da ilha.

<sup>3</sup> Ao longo do trabalho a palavra ilha será sempre escrita com letra maiúscula quando não estiver acompanhada do sintagma preposicional “de Bazaruto” e terá o mesmo significado.

Estabelecida a relação entre os povos e as línguas levantamos as seguintes questões.

- Qual é a situação linguística da Ilha de Bazaruto?
- Quais são os recursos linguísticos usados nas interações sociais na ilha?
- Qual é o estatuto e que usos têm as línguas faladas na ilha?

### 1.2. Hipóteses

O xihoka é uma língua local, que é utilizada como instrumento de comunicação e de marcação de identidade dos nativos da ilha, daí levantamos as seguintes hipóteses:

- Os nativos residentes na ilha interagem entre si através da sua língua (xihoka) e com as outras pessoas, nomeadamente com aqueles que não são nativos da ilha, utilizam o citshwa (provavelmente também utilizem o português ou inglês);

- Parece haver por parte dos falantes nativos residentes na ilha uma necessidade (propositada) de manter uma certa identidade linguística que se prende com a sua identidade cultural em relação aos falantes de outras línguas, daí, o uso "restrito" desta língua.

- A língua xihoka é associada ao espaço da ilha não havendo uma expansão desta língua fora da ilha daí que não seja do domínio das comunidades circunvizinhas.

### **1.3. Objectivo**

Este trabalho vai descrever alguns aspectos ligados à situação sociolinguística da Ilha de Bazaruto tendo como base as práticas linguísticas. Desse modo, o trabalho vai analisar o papel que a(s) língua(s) usadas na ilha tem nas interacções sociais, tendo como ponto principal o uso do xihoka.

### **1.4. Motivação**

A diversidade linguística que Moçambique apresenta tem sido alvo de diversificados estudos linguísticos e sociolinguísticos. No entanto, nenhum deles até hoje se debruçou sobre as línguas no âmbito da dinâmica social, ou seja todos aspectos ligados ao domínio da sociedade no que concerne a escolha e ao uso da língua. Dos estudos efectuados até a data, poucos foram os que se preocuparam em saber ou desvendar o valor das línguas moçambicanas nas interacções sociais. A escolha deste tema está relacionada com este facto e pretendemos, assim, dar a conhecer alguns aspectos ligados à língua no âmbito das interacções sociais. Contamos fazer uma descrição sociolinguística da região escolhida com base em métodos qualitativos associados à etnografia.

### **1.5. Contribuição**

Este trabalho irá contribuir para o entendimento da multiplicidade das situações em que se encontram as línguas usadas em Moçambique no geral e dará a conhecer a situação sociolinguística da Ilha de Bazaruto em particular.

Inclui-se também o desafio de começar a preencher uma lacuna existente na área da sociolinguística abrindo espaço para futuras investigações com o mesmo carácter.

### **1.6. Limitações**

O trabalho teve como principal limitação o tempo que se tornou insuficiente para fazermos uma pré-testagem do questionário base que iria orientar as entrevistas. Este também foi reduzido para que fizessémos observações repetitivas nas zonas centro e sul da ilha dado que estes locais se encontravam muito distantes do ponto onde estávamos alojados (cerca de 22 e 36 quilómetros de distância, respectivamente).

Para ultrapassar as dificuldades que foram surgindo me relação ao questionário optámos pela flexibilidade na mudança ou melhoramento das questões de acordo com os objectivos pretendidos e com a natureza dos dados que pretendíamos.

No que concerne às observações a estratégia baseou-se essencialmente no estabelecimento de um total de duas observações para cada situação de comunicação.

A exiguidade de fundos foi outro factor determinante para que este trabalho apresentasse limitações, pois dependíamos quase que exclusivamente da generosidade do administrador da Sede do Parque Nacional de Bazaruto (PNB) no concernente ao alojamento o que se reflectiu directamente no tempo limitado que tivemos para efectuar o trabalho de campo.

### 1.7. Resumo

Neste capítulo fizemos a apresentação do trabalho, os problemas inerentes ao tema e as hipóteses de trabalho, o objectivo ao tratarmos deste tema, as motivações que estão por detrás do desafio de levar adiante o trabalho, a contribuição que o trabalho irá ter e as limitações que tivemos para a realização do mesmo.

## CAPÍTULO II

### Revisão bibliográfica

#### 2.0. Introdução

Este capítulo, pretende apresentar o suporte teórico para o nosso estudo. Uma vez que o trabalho se insere na área da Sociolinguística, começaremos por apresentar o quadro teórico necessário para uma análise deste tipo. Em seguida, faremos a apresentação de conceitos e aspectos terminológicos que vão ser usados ao longo do estudo.

#### 2.1. Enquadramento teórico

##### 2.1.1. Enquadramento sociolinguístico do estudo

A relação entre língua e sociedade vai interessar os sociolinguistas na medida em que é a partir dela que se vêm os mecanismos através dos quais as pessoas interagem entre si. A interacção na sociedade ou entre as pessoas existe porque existe a língua. A língua realiza-se no meio social e, é o factor de construção de uma sociedade.

Vários autores partilham esta ideia da *relação* entre a língua e a sociedade. Spolsky (1983:3) fala da relação “entre os usos da língua e as estruturas sociais nas quais os falantes vivem”. Portanto, o pressuposto básico da Sociolinguística é o uso da língua todavia, este deve ser considerado dentro do seu contexto social dado ser a língua uma das formas de comunicação que os membros de uma

determinada sociedade dispõem. Deste modo, a análise deve ser feita no âmbito dos hábitos comunicativos dessa comunidade. Em conexão com esta ideia Bitti e Zani (1997:101) afirmam que o objectivo da Sociolinguística é “a análise do acto comunicativo- considerado no seu contexto social”.

O Homem sendo um ser social tem a necessidade de se comunicar e de transmitir uma série de ideias e comportamentos e fá-lo através do uso da língua contudo, esta não é usada da mesma maneira nas diferentes situações. É nesta perspectiva que em Sociolinguística se fala de variação linguística. A variação que se desencadeia ao nível da língua é de grande importância uma vez que se correlaciona com as diferenças entre as pessoas ou grupos em particular e as sociedades no geral.

A variação pode se operar a dois níveis: dentro de um mesmo sistema ou entre dois sistemas linguísticos. Garmadi (1983) fala de variação “*intra*linguística” e “*inter*linguística”. A variação *interlinguística* é uma redistribuição das variedades de língua(s) de acordo com as situações de comunicação (Appel e Muysken, 1987) que nós podemos encontrar numa sociedade. Neste contexto, numa sociedade onde existem duas ou mais línguas disponíveis para o uso os falantes usam-nas de forma alternada tendo em conta os contextos de comunicação: “em certas situações usam uma e noutras usam a outra língua” (Appel e Muysken, 1987:23). Neste tipo de variação coloca-se a questão em termos de *escolha de língua* (Duranti, 1997). Os falantes escolhem, no seu repertório linguístico, a língua que devem usar nos diferentes contextos com base na organização social. Os factores sociais, neste caso, é que vão condicionar a escolha da língua a ser

utilizada dentro de determinados contextos. Appel e Muysken (1987:23) falam de *grupo de filiação, situação e tópico* como sendo alguns dos factores que estão envolvidos na escolha de língua. Esta asserção não entra em contradição com o que temos vindo a defender, pois a situação a que se referem os autores é o contexto e nele estão incluídos os falantes que são o grupo e o fim da comunicação que é o tópico. É importante que no estudo da variação se tome em consideração os factores sociolinguísticos pois, parece que uma descrição puramente linguística (isto é, uma descrição que não tem em conta estes factores) não é capaz de nos dar a conhecer os mecanismos sociais que determinam o uso de uma ou de outra variante de língua ou línguas (Silva, 1991).

O estudo da variação linguística cabe a área da Sociolinguística. A variação apresenta-se no nosso estudo pelo facto de na ilha existirem várias línguas (para além da variação do xihoka que não será muito focalizada, esta língua é usada em paralelo com outras línguas). Como é feita a selecção de cada uma destas línguas?

A natureza do(s) problema(s) por nós levantado(s) remete-nos para uma **perspectiva interaccional**, isto porque, esta perspectiva não reduz os fenómenos linguísticos à “gramática” dado que não se encontram isolados das práticas sociais (Firmino, 2002: 51). Questões como: qual é a língua a usar?; como usar?; com quem usar?; onde e para quê?; mostram-nos a necessidade de ter em conta as práticas sociais e as interacções nelas existentes.

Com este quadro teórico situamos a nossa investigação e colocamos o motivo pelo qual escolhemos a sociolinguística interaccional, associada à variação para o estudo da escolha linguística pelos habitantes da Ilha de Bazaruto no âmbito das

interacções entre os membros da mesma comunidade e de comunidades diferentes.

## **2.2. Alguns conceitos operatórios**

### **2.2.1. A língua e a comunidade linguística**

A *língua* é um instrumento de comunicação que se adapta às necessidades dos que dela fazem uso (Garmadi, 1983:23). O Homem na sua condição de ser gregário recorre à língua como uma das principais formas de comunicação. Esta comunicação transporta-nos à componente social na qual o ser Humano se insere e para que (esta comunicação) se verifique é indispensável que o Homem partilhe o sistema gramatical com o grupo do qual faz parte. Deste modo, a língua é um sistema constituído por símbolos que são publicamente aceites pelos indivíduos pertencentes a mesma comunidade em que se insere este mesmo Homem (Ember & Ember, 1996). Assim, a língua não pode ser dissociada do seu contexto. Este, é-nos dado pelas interacções entre os membros de um grupo, daí que, ao falarmos de língua esteja implícito o conceito de comunidade linguística.

Carvalho na sua definição de língua afirma que ela é "*qualquer conjunto de idiomas, que são sentidos pelos membros de uma comunidade como formas várias de uma entidade única, fundada numa tradição comum*" (Carvalho, 1973:328). Há uma relação muito forte entre a língua e a comunidade, uma vez que é no seio desta que a língua é veiculada e o autor acima citado mostra-nos isso na sua definição. Sem língua não há comunidade e vice-versa.

O conceito de *comunidade linguística* surge na sequência da língua como entidade social, na medida em que como afirmamos anteriormente o Homem é um ser social, de forma a se poder abarcar os aspectos sociais inerentes à variação da língua. Este conceito comunidade linguística é complexo e problemático. Garmadi (1983) citando Gumperz fala de *comunidade de discurso* onde o critério para a sua definição não se baseia na existência de uma única língua ou mesmo variedade de língua. Também se refere a *área linguística* que diz ser um grupo social que pode ser tanto unilingue como bilingue ou multilingue e que é coeso por via da frequência e densidade das suas interações sociais. Firmino (2002), propõe como uma das formas de definir comunidade linguística considerando a interação social, no entanto, a definição de Gumperz em Garmadi (1983) não limita a sua definição à coesão do grupo quando afirma que “é um grupo social unilingue, bilingue ou plurilingue que deve a sua coesão à frequência e à densidade da interação social”. Na nossa óptica, a definição de Gumperz implica a existência de *redes sociais* definidas por Stroud (1997:21) como sendo “um grupo de pessoas com quem um indivíduo interage regularmente”, daí que possamos encontrar nesta regularidade a frequência e densidade que, de certa forma, podem nos levar a coesão de um grupo de interação. Assim, a noção de redes sociais estará na sequência da “frequência” e “densidade” das interações advogadas por Gumperz como indicadores para se definir uma comunidade linguística.

Nas sociedades multilingues, onde existe para além da diferença de línguas a diferença de culturas, mas onde as pessoas convivem no mesmo espaço

geográfico ou em espaços próximos e que estão sujeitos à mesma autoridade política, aos mesmos serviços e leis, a interacção pode ser encontrada dentro destas redes que podem ser a nível profissional, escolar, familiar, religioso, político entre outros. Gal (1979: 14) a este propósito, afirma que para além da frequência é importante que se veja “a natureza do relacionamento entre os falantes, o carácter social dos contactos e o propósito da interacção”.

Toda esta discussão, permite-nos perceber que o conceito de comunidade linguística é uma construção da qual os sujeitos falantes participam activamente dependendo dos interesses em causa; reclamam a pertença ou não de uma determinada comunidade linguística e a língua é que servirá de medida de peso.

Posto isto, importa falar da competência linguística *versus* competência comunicativa pois, estas influenciam o uso da língua.

### **2.2.2. A competência linguística vs competência comunicativa**

A nossa “competência linguística” não nos permite comunicar pelo simples facto de a comunicação envolver outro tipo de conhecimento (que se relaciona com todo o conjunto de factores extralinguísticos do nosso contexto de comunicação). Esta, compreende somente habilidades de carácter linguístico e gramatical (Bitti e Zani, 1997) que por si só não são suficientes para que a interacção comunicativa se efectue. Dissemos aquando da abordagem sobre a língua que esta incluía a componente social. As práticas comunicativas associam-se às praticas sociais e culturais. Dependendo do espaço cultural onde o Homem

se encontra, ele precisa de interagir de forma adequada, isto é, tem que ter a “capacidade de produzir e entender mensagens” (Bitti e Zani, 1997:19). É nesta assunção que surge o que Hymes ( 1972b: 277-8) denominou de “competência comunicativa” visto que nesta, para além do conhecimento que o falante tem de uma língua natural, ele também detém conhecimentos relacionados com o modo como deve usar de forma apropriada as formas linguísticas dessa língua (Firmino, 2002 ). A competência comunicativa também é designada por competência cultural pois com ela o falante encontra-se dotado de componentes que o permitem estar numa interacção comunicativa.

Os actores sociais usam a língua de acordo com o contexto socio-cultural. Por isso Hymes propõe que se veja a Linguística não só no que concerne à gramática mas, também olhando para a vertente social naquilo que são os factores que influenciam a variação e que, de certo modo, a determinam.

Assim, o foco deixa de ser a língua como entidade gramatical e passa a ser a língua como entidade social. Esta língua vista do ponto de vista social, isto é, considerada no decurso das interacções sociais que ocorrem entre indivíduos pertença ou não da mesma comunidade remetem-nos para o conceito de comunidade linguística discutido no ponto anterior.

### **2.2.3. Línguas em contacto**

Ao falarmos das interacções que como vimos implicam “contactos sociais”, surge também a ideia de “línguas em contacto”. A respeito disto Faria (1996: 509)

afirma que “para que haja contacto, são necessárias pelo menos duas línguas, uma língua e um dialecto ou dois dialectos em presença”. A questão de línguas em contacto sugere a mudança linguística (estando a variação implícita) na medida em que na presença de duas línguas A e B haverá *interferência* de uma delas de tal modo que os falantes deixem de ser monolíngues e passem a ser bilingues. Garmadi (1983:141) afirma que “o problema para os locutores é o de se submeterem a normas diferentes em contextos diferentes” e, isto de acordo com a autora vai resultar na interferência das normas de um sistema nas normas de outro. Quando há línguas em contacto é difícil evitar a interferência. No entanto, esta situação cria um tipo de bilinguismo que só se completa ao fim da terceira geração “*language shift*” (Gal, 1979; Faria, 1996). É visível que os factores sociais determinam a criação de um enquadramento que vai condicionar e reflectir a natureza do contacto. Assim, o bilingue<sup>4</sup> vai especializar as línguas de que dispõe de acordo com as situações de comunicação em que se encontra.

### 2.3. Resumo

Neste capítulo fizemos a revisão da literatura como forma de situar o nosso estudo. Apresentámos e discutimos os conceitos que vão operacionalizar o nosso trabalho.

---

<sup>4</sup> A noção de bilingue será por nós usada nos termos definidos por Weinreich (1968:1) em que afirma que o bilingue usa de forma alternada duas ou mais línguas. Neste caso o bilinguismo inclui o multilinguismo.

## CAPÍTULO III

### **Caracterização da Ilha de Bazaruto**

#### **3.0. Introdução**

Nesta parte iremos caracterizar a nossa área de estudo. Vamos a apresentar a localização geográfica da ilha e sua caracterização histórico-social, fazendo referência à origem dos habitantes da ilha. Deste modo queremos saber como estes convivem no quotidiano e quais são as línguas que falam.

Assim, estaremos a fazer a contextualização do local da nossa investigação.

#### **3.1. Localização geográfica da Ilha de Bazaruto**

A Ilha de Bazaruto fica situada na costa sul oriental de África, em Moçambique, na província de Inhambane, a leste do distrito de Inhassoro. Ela faz parte do Arquipélago de Bazaruto que, para além desta ilha, possui outras quatro, designadamente: Benguéria, Magaruque, Santa Carolina e Bangué (ver o mapa 1). Apesar de pertencer ao mesmo arquipélago, estas ilhas não partilham a mesma administração. As Ilhas de Bangué, Benguéria e Magaruque pertencem ao Distrito de Vilanculos. A administração de Bazaruto e Santa Carolina está vinculada ao Distrito de Inhassoro.

A Ilha de Bazaruto possui uma superfície de cerca de 98 quilómetros quadrados o que a torna, em termos de território, na maior ilha do Arquipélago de Bazaruto. Nela encontramos três principais zonas:

a) Machulane-Sitone, no norte;

b) Zenguelemo, no centro;

c) Pangaia, no sul.

Quanto à densidade populacional a ilha possui o maior índice de população com 63,27% do total da população do arquipélago. É de referir que, neste arquipélago, duas das cinco ilhas que o compõem não são habitadas, nomeadamente: Bangué e Santa Carolina. O quadro que a seguir apresentamos mostra-nos dados sobre a população nativa residente na ilha:

**Tabela I. Número de habitantes por ilha.**

Ilhas	Nº habitantes	Nº p/ famílias	%
Bazaruto	1907	373	63,27
Benguérua	942	216	31,25
Magaruque	165	44	5,47

Fonte: Parque Nacional de Bazaruto – 2003

### **3.2. O povoamento da Ilha de Bazaruto.**

#### **3.2.1. A origem dos habitantes da ilha de Bazaruto.**

A Ilha de Bazaruto é habitada por uma comunidade essencialmente de pescadores e criadores de animais de pequena espécie como o cabrito. Não há uma informação consensual sobre a origem dos habitantes da Ilha de Bazaruto. De acordo com um dos entrevistados, conforme a afirmação, os primeiros habitantes da ilha vieram da região de Mambone: *“E agora eu posso dizer que esta língua veio com a raça dela do norte, parte de Mambone porque esta língua*

*que nós falamos não é própria daqui da ilha. Deus não fez esta ilha com as pessoas aqui. São pessoas que vieram para aqui, não são desta zona. Vieram da zona de Mambone até ao rio Save passando por Inhassoro e Govuro ...”* (F. M., Bazaruto – MSI/4)

Outras fontes, como por exemplo o Relatório sobre Plano de Maneio para 1999 – 2003 refere a “infusão Árabe” feita sobre o substracto bantu durante as guerras Nguni como tendo sido a causa que levou a que surgissem os primeiros habitantes na ilha. Esta opinião foi corroborada por alguns ilhéus sobre as suas origens como é o caso de: Sabino Zivane, Isabel Zivane e Alpano Zivane.

Outros afirmam que os primeiros habitantes da ilha surgiram por causa das actividades pesqueiras na zona, como afirma Ricardo (1999: 27) “os primeiros habitantes nativos parece que lograram alcançar a ilha, inicialmente, como uma simples aventura isolada, nas suas fainas pesqueiras”.

Na ilha e nas outras duas ilhas povoadas fala-se uma língua localmente designada por xihoka daí que os próprios nativos se considerem *vahoka*. No entanto, na parte continental (nomeadamente Vilanculos e Inhassoro) os ilhéus, são chamados de vatsongas e a língua falada na(s) ilha(s) é designada por xitsonga. A visão que os nativos têm é que esta língua se assemelha ao cinyai (considerada variante da língua Ndaui falada na região da Nova Mambone; Chambela, 1999). Esta semelhança sustenta-se também na crença dos nativos de serem descendentes de povos que vieram da região norte, nomeadamente da zona da Nova Mambone e tudo isto é corroborado por alguns estudos como o de Rita-

Ferreira (1975) citado no primeiro capítulo e Chambela (1999) que é um estudo mais recente e que também aponta para este facto.

Actualmente, a população da ilha cresceu de forma significativa. Dados do Censo Geral da População e Habitação em Moçambique datados de 1997, dão-nos conta da existência na Ilha de Bazaruto de 2.100 habitantes distribuídos por agregados familiares (que compõem as linhagens) na Ilha de Bazaruto. Se tomarmos em conta que o número que nos é dado pelo censo tem em conta os factores naturalidade e residência, então actualmente este número reduziu para 1907 habitantes naturais residentes divididos por 373 famílias<sup>5</sup>.

O desenvolvimento do turismo nos anos 50 e a migração dos refugiados da guerra civil fez com que surgisse na ilha outro tipo de habitantes. Aliado a isto e pelo facto de esta (ilha) ser parte integrante do Parque Nacional de Bazaruto os habitantes vêm-se confrontados com uma pequena comunidade de trabalhadores que não são nativos da ilha e também com turistas nacionais e estrangeiros.

Os trabalhadores são habitantes temporários pois os mesmos vêm-se assim e são vistos de igual modo pelos nativos uma vez que têm as suas residências no continente e na ilha têm apenas residência de trabalho. Os turistas são meramente vistos como visitantes. Por consequência as zonas de Machulane-Sitone e Zenguelemo são as mais populosas uma vez que é onde se concentram as instâncias turísticas.

### 3.2.2. Caracterização étnica dos nativos da ilha

A comunidade nativa da ilha é uma junção de vários grupos étnicos. Ricardo (1999:28) refere-se a “confluência das etnias “Khokha”, “Ndau”, “Mandla” e “Vahlengwe”. Esta ideia também está patente em Chambela (1999). No entanto, Dutton & Zolho (1990:10) afirmam que “a população da ilha é parte de todo o grupo étnico Tsonga, cuja distribuição se estende desde o Rio Save para o Sul. Contudo, as populações ao longo da costa litoral desde Inhambane até o norte incluindo o Arquipélago, são parte do sub-grupo Khokha”.

A comunidade da ilha divide-se por várias linhagens familiares das quais as mais importantes são os Dzivane, Mutondo, Nhadhave e Mufume. A linhagem dos Dzivane é a mais complexa pois possui dentro dela várias subdivisões nomeadamente: Dzivane Maphadzi, Dzivane Zingole e Dzivane Nhassengo. A linhagem dos Dzivane é tida como a dos verdadeiros nativos da ilha como foi confirmado por um dos informantes que referiu que:

*“As raças que entraram são Mutondo, Mufume, outra é Vilanculos e esses todos não são naturais daqui. Os naturais são os Dzivane. Os Nhadhave também são do norte e embora tenham vindo a muito tempo também não são naturais.”*

(F. M., Bazaruto-MSI/4) A questão étnica prende-se essencialmente com a atitude de todos os que actualmente habitam na ilha (os tidos como nativos e os que não o são) em relação aos que devem ser considerados nativos da ilha. De facto, nem todos são considerados nativos, a reivindicação desta condição tem em conta não só o tempo de estadia como também a precedência do tempo de chegada. É com base neste tipo de consideração que na ilha há um reconhecimento de quem é

---

<sup>5</sup> Dados do censo efectuado em Janeiro de 2003 pelo PNB.

nativo e quem não é nativo o que tem implicações na vida económica. Por exemplo na actividade pesqueira a organização dos acampamentos de pesca é feita de acordo com as linhagens, ou seja, os Zivane Nhassengo têm o seu acampamento, os Mutondo têm o seu acampamento, etc.

### **3.2.3. A economia da ilha**



A actividade principal dos nativos da ilha é a pesca. Esta é artesanal e é a base de subsistência das famílias nativas. Uma parte produto da actividade pesqueira é dividida entre as famílias que compõem o acampamento de pesca para o seu consumo e a outra parte passa pelo processo de secagem para posteriormente ser vendido no mercado continental (Vilanculos, Inhassoro, Manica e Tete). Os valores amealhados na venda deste pescado também são divididos pelas famílias do acampamento. Quanto ao peixe para o consumo por vezes a família beneficiada opta por vendê-lo aos hotéis ou trabalhadores dos mesmos, sendo o dinheiro desta venda da família em causa.

Na ilha também existe um grande desenvolvimento turístico. Existem dois complexos turísticos situados na zona norte e centro da ilha, nomeadamente: Bazaruto Lodge e Indigo Bay. A actividade turística emprega essencialmente mão-de-obra do continente.

#### **3.2.4. Resumo**

Neste capítulo fizemos a caracterização da nossa área de estudo. Apresentamos a localização e o número da população das ilhas que compõem o Arquipélago de Bazaruto. Abordamos as origens dos povos nativos da ilha bem como a constituição étnica e por fim falamos das bases económicas.

## CAPÍTULO IV

### **Metodologias**

#### **4.0. Introdução**

Neste capítulo iremos apresentar detalhadamente as metodologias que foram adoptadas para a realização deste trabalho.

#### **4.1. Plano metodológico**

Após a definição do tema de trabalho, fizemos a consulta bibliográfica de modo a avaliar o desenvolvimento dos estudos e das opiniões existentes acerca do Arquipélago de Bazaruto, em geral, e da Ilha de Bazaruto, em particular. Esta tarefa permitiu-nos colher toda informação que nos foi possível e útil acerca do espaço onde pretendíamos realizar o trabalho de campo. Esta fase culminou com uma deslocação à Vila de Vilanculos e à Sede do Distrito de Inhassoro, onde confirmamos a existência de uma língua que só é falada nas ilhas. Isto contribuiu para o refinamento da definição da pesquisa.

A segunda fase baseou-se na consulta bibliográfica que serviu de alicerce ao nosso trabalho.

A terceira esteve ligada ao trabalho de campo que se concentrou na Ilha de Bazaruto. Também nos deslocamo à Vila de Vilanculos e Sede do Distrito de Inhassoro como forma de obter informações sobre como os nativos da ilha interagem com as pessoas quando estavam fora do seu espaço (dentro da ilha).

Portanto, o trabalho de campo foi realizado basicamente na Ilha de Bazaruto porque nela se situa o “habitat” natural da língua que constitui o objecto de estudo. Pretendemos saber como ela é usada tendo em conta a relação que os ilhéus têm com as regiões circundantes principalmente com Vilanculos e Inhassoro.

Apesar de nesta ilha fazer parte de um arquipélago que é composto por cinco ilhas (e em todas ilhas habitadas falar-se o xihoka), depois de uma análise prévia escolhemos a Ilha de Bazaruto porque é a maior em termos territoriais e populacionais (ver tabela I, pág. 17). Também se escolheu a Ilha de Bazaruto por se situar mais distante (conforme a tabela II) da costa em relação as outras quatro ilhas (ver tabela II, pág. 24) o que a coloca em termos de comunicação mais afastada do continente e por consequência menos susceptível ao contacto constante com o continente.

**Tabela II. Distâncias de cada ilha em relação à costa continental**

Ilhas	Distância (em milhas)
Bangué – Vilanculos	7,8
Bazaruto – Inhassoro	17,4
Benguérua – Vilanculos	9,4
Magaruque – Vilanculos	6,5
Santa Carolina – Inhassoro	10

Fonte: Sede do Parque Nacional de Bazaruto - 2003

#### 4.1.1. Procedimentos de recolha de dados

Como metodologia para a recolha de dados no campo baseamo-nos em métodos qualitativos associados à etnografia, na medida em que dada a escassez de tempo (a investigação no campo durou 30 dias).

Neste âmbito recorreu-se fundamentalmente a observação participante e as entrevistas. Com a observação participante procurámos nos inserir na comunidade, participando de modo quase activo nas actividades sociais, o que nos possibilitou observar os eventos comunicativos de modo a “apreender as práticas linguísticas e culturais” (Firmino 2002:24) da comunidade residente na Ilha de Bazaruto e ver como a língua é parte da vida social dos mesmos cidadãos. Para o armazenamento da informação, tomávamos notas de tudo quanto fosse importante para o trabalho. Outra informação dada a sua natureza não era possível anotar por isso era memorizada e no fim do dia elaborávamos o relatório de tudo quanto se tinha observado e anotado.

Também efectuámos entrevistas fechadas a informantes singulares e colectivos. Por entrevistas fechadas referimo-nos as entrevistas em que tínhamos um questionário previamente elaborado (ver anexo II) nas quais pretendíamos apreender a atitude dos falantes em relação ao repertório linguístico que têm disponível incluindo a língua nativa. Em alguns casos colhemos dados referentes à história dos habitantes da ilha e sua língua visto do ponto de vista dos nativos. Nestas também se incluíam alguns aspectos do quotidiano dos habitantes da ilha nos diferentes contextos em que eles se inserem como membros da comunidade insular. Estas entrevistas eram gravadas embora tenha havido casos em que os

dados tenham sido anotados. Para o efeito, tivemos que fazer uso de um micro-gravador de mão, depois de se ter a permissão dos entrevistados e de um bloco de notas.

#### **4.1.2. Caracterização dos informantes**

As entrevistas foram individuais e colectivas.

Houve interesse em abarcar uma diversidade de informantes de modo a ter uma imagem global da ilha: homens, mulheres, jovens, velhos e crianças. Entre estes incluíram-se, nos informantes individuais, os chefes das linhagens e/ou tradicionais, chefes de família e por outro algumas donas de casa como forma de obter informações referentes as atitudes em relação ao leque de línguas que são usadas na ilha, isto é, com quem falam, para que fins e em que contextos. Note-se que o acesso às donas de casa foi difícil na medida em que, como fomos observando ao longo da investigação, as mulheres nativas não interagem facilmente com pessoas de fora (mesmo que esta pessoa seja igualmente do sexo feminino como era o caso). Também abordámos jovens e crianças com a mesma intenção. Nestes dois últimos grupos, deparamo-nos igualmente com algumas dificuldades no que concerne às crianças que tinham um comportamento semelhante ao que observámos nas mulheres. Uma das estratégias traçadas para ultrapassar o impasse que se tinha criado foi recorrer à observação destes informantes aliando a este processo conversas informais sobre o quotidiano.

Sendo este último procedimento efectuado sempre que àqueles mostrassem abertura para dialogar.

Nas entrevistas colectivas o foco foi para os grupos sócio-profissionais e estas foram em grupo porque estas actividades se passam em grupo. Deste tipo de informantes tínhamos diferentes grupos de pescadores e apanhadoras de “mapalo”<sup>6</sup>, pois é nestes grupos que acreditávamos que a dinâmica da escolha de língua de acordo com o contexto se verificava com mais facilidade dado que estes, por causa das suas actividades entram em contacto com pessoas pertencentes a outros pontos da ilha assim como fora dela. Quanto ao primeiro grupo foi possível colher informações mas, o mesmo não se verificou com o segundo grupo (das apanhadoras de “mapalo”) porque no período em que esta investigação foi feita observava-se na ilha o período de “defeso”<sup>7</sup>.

Nestes informantes pretendíamos, para além do que foi mencionado anteriormente, apurar como é feita a interacção entre nativos da ilha e pessoas que não são nativas da ilha. Para tal tivemos que ter em conta outro tipo de situações de comunicação que não se restringiam a estes dois grupos como iremos mostrar ao longo do trabalho. Também foram inseridos, nos informantes colectivos os agregados familiares para observarmos como é que ocorre a interacção dentro do grupo familiar, onde os membros relativamente aos outros dois grupos<sup>8</sup> detêm uma relação mais próxima.

---

<sup>6</sup> Ostra da areia. A captura do “mapalo” é tarefa reservada normalmente às mulheres. Estas juntam-se em grupos de dois ou mais.

<sup>7</sup> O período de *defeso* ao que pudemos apurar refere-se ao período no qual durante dois a três meses o “mapalo” não é capturado para poder se reproduzir e crescer até atingir o tamanho ideal para o consumo.

<sup>8</sup> Primeiro temos o grupo dos nativos que podem não ter nenhum laço de familiaridade, neste caso podemos falar de interacções intracomunidade. Segundo temos o grupo dos nativos mais os não nativos aqui falamos de interacções intercomunidade.

Ainda em relação a este tipo de informantes e no que se refere aos dados recolhidos através do questionário, importa referir que depois de uma análise prévia chegamos a conclusão de que estes não eram “adequados” para análise porque as respostas obtidas, de certo modo, eram influenciadas por um elemento do grupo de entrevistados tido como “importante”. Concluimos tal facto aquando da análise preliminar das respostas dadas, ao constatarmos que as mesmas em relação aos restantes membros do grupo eram sempre uma confirmação de tudo o que o entrevistado “importante” havia dito. Procuramos desta forma criar situações em que este membro de influência não tivesse que ser o primeiro a responder, como forma de contrariar esta tendência, e o que verificamos foi uma atitude de retracção por parte dos outros membros que compunham o colectivo. Tal facto levou-nos a concluir que muitas das respostas não eram o “real” sentimento das pessoas envolvidas mas sim respostas moldadas de acordo com a opinião do informante tido como “importante” e, por isso, pouco fiáveis para o nosso propósito. Aos informantes colectivos, também recorremos à observação como forma de recolher dados sobre as interacções nas diferentes situações de comunicação. Quanto aos entrevistados que inicialmente faziam parte destes grupos, inserimo-los nos informantes individuais uma vez que eles mais tarde foram entrevistados individualmente.

A pesquisa também recorreu a informantes-chave, cuja escolha se baseou no facto de se ter travado uma relação de confiança aquando da nossa chegada à ilha. Estes informantes tinham como requisito básico o facto de serem naturais e residentes na Ilha de Bazaruto, de modo que também puderam nos facilitar a

inserção na comunidade insular<sup>9</sup>. O grupo dos informantes-chave era constituído por dois homens e uma mulher e um dos homens trabalhou como intérprete nas entrevistas efectuadas.

#### 4.1.3. Constituição do corpus

Os dados por nós colhidos dividem-se em três grupos distintos que compõem o nosso *corpus*.

O primeiro tipo de dados refere-se ao léxico da língua. Estes foram colhidos com o objectivo de se fazer uma breve comparação entre o xihoka, citshwa e cindau de forma a poder verificar com qual das línguas o xihoka tem maior semelhança (cf. anexo I).

O segundo grupo de dados refere-se aos que foram obtidos pelas entrevistas individuais. Estes dados estão relacionadas com a atitude dos falantes do xihoka em relação a sua língua e as outras línguas assim como o seu posicionamento em relação às pessoas nativas e não nativas da ilha (cf. anexo II).

O terceiro grupo de dados tem a ver com aquilo que, de facto, os falantes fazem com a língua, isto é, qual(is) a(s) língua(s) que falam, onde a(s) falam, com quem a(s) falam, porquê ou para que fins a(s) falam. Estes dados foram colhidos nas observações. Na análise que faremos mais adiante os dois últimos grupos de dados serão tratados em simultâneo.

---

<sup>9</sup>Algo ou alguém que é da Ilha. Chama-se aos nativos da Ilha de insulares ou ilhéus.

Com excepção do primeiro grupo referente aos dados lexicais, os dados foram codificados de acordo com a zona, o tipo, o número da entrevista e natureza da informação.

Exemplo: **Código: PGI/9**

**Nat:**

Aqui temos PG que significa Pangaia, o I refere-se ao tipo de entrevista que é individual e 9 que é o número da entrevista feita (cf. a nexa II). A este código associam-se dados sobre o perfil sociolinguístico dos entrevistados e o nome do intérprete, a língua usada e o período em que foram recolhidos os dados.

Quanto às observações também se indicou a zona, o tipo de evento ou situação de comunicação por observar, os actores envolvidos o local e o número das observações por local.

#### **4.2. Resumo**

Foram apresentados neste capítulo todos os passos relacionados com o trabalho. Desde planificação, passando pelos procedimentos adoptados na recolha de dados até à organização dos dados recolhidos no campo. Apresentamos todos os passos com certo detalhe como forma de demonstrar como decorreu o nosso trabalho com excepção do trabalho de redacção do mesmo.

## CAPÍTULO V

### **Apresentação de dados**

#### **5.0. Introdução**

Neste capítulo iremos apresentar os dados nos quais o estudo se baseará. Os dados estão divididos em três grupos, referentes à:

- a) léxico do xihoka;
- b) entrevistas;
- c) observação – participante.

#### **5.1. O léxico**

Neste subcapítulo e de forma breve iremos proceder a apresentação dos dados referentes ao léxico. O léxico é constituído por palavras do uso corrente nas interacções. Foi obtido em conversas com os nativos e também em consultas efectuadas à informantes-chave.

De um total de 235 palavras foram seleccionados aleatoriamente 50 vocábulos comuns (veja o anexo I) entre o xihoka, o xitshwa e o ndau. Designamos por vocábulos comuns todos aqueles que apresentam o mesmo tipo de raiz do nome, incluindo aqueles com algumas mudanças fonéticas mas que mantêm o radical de base. Com estes dados tínhamos como objectivo:

- I. Fazer uma análise comparativa entre as três línguas em questão (citshwa, cinyai e xihoka).

No quadro que a seguir apresentamos estão alguns vocábulos retirados da amostra supra referida nas línguas igualmente mencionadas anteriormente e que representam todas as diferentes situações possíveis encontradas entre as três línguas.

**Quadro I: Vocábulos do xihoka e cithswa**

Xihoka	Cithswa	Português
M'vhula	Vhula	Chuva
Mbende	Mbita	Panela
Hove	Njhanhji	Peixe
Ikole	Refu	Nuvem
Muvoko	Woko	Braço
Kuveleketa	Kuwulawula	Falar
Mutu	Muru	Caril

**Quadro II: Vocábulos do xihoka e cindau**

Xihoka	Cindau	Português
M'vhula	N'vura	Chuva
Mbende	Mbende	Panela
Hove	Hove	Peixe
Ikole	Gore	Nuvem
Muvoko	Mukono	Braço
Kuveleketa	Kuveleketa	Falar
Mutu	Usavi	Caril

## **5.2. As entrevistas**

As entrevistas foram feitas com base num questionário previamente elaborado. A elas associou-se a observação como forma de confirmar os dados fornecidos pelos inquiridos. Tinham como foco as situações reais de comunicação assim como os eventos que as compunham<sup>10</sup>.

As entrevistas tinham em vista a obtenção de informação sobre:

- a) identificação dos informantes alvo;
- b) saber quais as línguas que se falam na ilha;
- c) saber como os pais falam com os seus filhos (qual a língua usada);
- d) qual a atitude dos nativos em relação às línguas faladas;
- e) razão que leva a que os nativos aprendam outras línguas.

### **5.2.1. Identificar os informantes alvo.**

Foram efectuadas 30 entrevistas a indivíduos com idades compreendidas entre os 22 e 65 anos. Estas foram divididas pelas três principais zonas existentes na ilha, nomeadamente:

- a) Machulane-Sitone com 7 entrevistados dos quais 6 são homens e 1 mulher;
- b) Zenguelemo com 9 entrevistados constituídas por 7 homens e 2 mulheres;
- c) E, por fim, Pangaia com 14 entrevistados formados por 8 homens e 6 mulheres.

---

<sup>10</sup> Nem todos os dados constam desta apresentação por questões logísticas e alguns deles serão recuperados durante a análise.

### **5.2.2 Saber quais as línguas que se falam na ilha**

As línguas faladas pelos nativos da ilha são xihoka (pergunta 1f, anexo II), citshwa, português, changana, cicopi, cinyai e xifanakaló/inglês (pergunta 1i, anexo II). Todos os inquiridos têm como L1 o xihoka. No entanto, observámos que as línguas faladas na ilha, no quotidiano, são xihoka, citshwa, português e inglês.

Ao procurarmos saber dos entrevistados qual é a língua que mais usavam para se comunicar com outras pessoas (pergunta 2a, anexo II) 10 dos entrevistados responderam-nos que usam o citshwa, 9 xihoka, 7 usam o citshwa e o xihoka, 4 usam citshwa e português. Vemos que os dados nos mostram que os nossos entrevistados usam mais de uma língua nas suas interações.

### **5.2.3. Saber como os pais falam com os seus filhos (qual a língua usada);**

Quisemos saber qual é a língua que utilizam para falar com a família incluindo os filhos (pergunta 2b/c, anexo II). As línguas mais usadas são o xihoka e o citshwa. Alguns entrevistados afirmaram que usavam exclusivamente o xihoka e 2 disseram-nos que usavam exclusivamente o citshwa, outros afirmaram falarem xihoka, citshwa e também português.

Observamos que só os pais interagem com os seus filhos em xihoka pois as mães falavam com os seus filhos em citshwa. Os pais também falavam em diferentes línguas fala com os mesmos como por exemplo em xihoka, citshwa e português (esta última língua pouco veiculada em contextos familiares). Por exemplo na casa da família Mutondo (Sitone). Observamos que, as interações

ocorrem em xihoka, citshwa e português. O pai, senhor Fernando, fala com os filhos menores em português e uma e outra vez usa o xihoka mas quando se dirige à sua mãe fala citshwa o mesmo acontecendo em relação à sua esposa. No entanto na sua comunicação com os seus filhos jovens e adultos a comunicação é sempre em xihoka.

Observámos outro caso no acampamento dos Zivane (Zenguelemo). Neste acampamento falava-se somente o xihoka e o citshwa. O chefe da família e sua esposa interagem entre si em xihoka mas quando falam com a filha e os netos a língua utilizada é o citshwa. A filha deste casal também se dirige aos seus filhos em citshwa.

#### **5.2.4. Qual é a atitude dos nativos em relação às línguas faladas;**

Os falantes nativos, quanto à preferência ou não pelas pessoas que falam a mesma língua (pergunta 2d, anexo II), afirmaram serem favoráveis às pessoas que falam a mesma língua, isto é, o xihoka (24 dos inquiridos).

Quanto aos assuntos que os entrevistados preferem tratar com pessoas que falam a sua língua (pergunta 2e, anexo II) as respostas oscilam entre todo o tipo de assuntos. Um dos inquiridos disse o seguinte "*Qualquer assunto eu falo. Não depende da língua depende da confiança que eu tenho na pessoa. Até pode ser mubwende*"<sup>11</sup>(A. E., Bazaruto-MSI/3).

---

<sup>11</sup> Mubwende é o termo utilizado pelos ilhéus para fazer a distinção entre as pessoas vindas do continente. É designado mubwende todo aquele que vem do continente sem ser mutshwa. O plural deste termo é vabwende e a língua falada é denominada cibwende. Actualmente há uma tendência para generalizar este termo incluindo, nele, os vatshwa.

A observação mostrou-nos que nem sempre se trata de todos assuntos, tendo-se preferência pelos "conterâneos". Por vezes, o assunto dita a preferência por um nativo ou não (apesar deste último não falar a língua do nativo).

Relativamente à pessoa com quem se prefere tratar de negócio (pergunta 2f, anexo II) as respostas foram divergentes apesar de a maioria ter afirmado que não importava a origem da pessoa mas sim o objectivo que se pretende: "*Se for mebwende vou falar cibwende de modo a poder vender as esteiras e se for muhoka falo xihoka*" (M. N., Bazaruto-PGI/13). Alguns inquiridos afirmaram que preferiam tratar de negócio com um muhoka, havendo quem trata tanto com muhoka ou mutshwa dando prioridade ao muhoka. Outros houveram que colocaram a prioridade em termos de género dando preferência ao homem.

Nas observações que efectuámos verificamos que a preferência pelos clientes nativos ou não depende do produto a ser comercializado. Em relação a esta questão um dos inquiridos disse-nos o seguinte: "*Aqui na ilha e na nossa tradição não vendemos peixe para um muhoka como nós, só podemos vender peixe para pessoas de fora. Quando pescamos dividimos o peixe pelas famílias que compõem o acampamento e outro peixe é secado e armazenado para vender no continente ou então é vendido fresco para os matshwa que vivem aqui*" (Z. Z., Bazaruto-MSI/2). Contudo esta preferência depende principalmente da origem do cliente. Os potenciais clientes do mercado insular são os trabalhadores dos hotéis, os próprios hotéis e os turistas. Observamos que dependendo do cliente, isto é se é muhoka, mutshwa (ou que fale citshwa) ou um turista (que regra geral fala inglês) os nativos escolhem uma determinada língua para se comunicar.

Os nativos, na sua maioria, defendem que não há diferença nas conversas entre pessoas que falam a mesma língua que eles e os que não falam (pergunta 2g, anexo II). Um dos nossos inquiridos respondeu da seguinte maneira à questão: *“Não há diferença. O que eu falo em xihoka pode ser falado em cibwende e ser percebido e vice-versa”* (R. A., Bazaruto-MSI/6). As observações levadas a cabo em relação a esta questão indicam-nos que há uma diferença por causa da inteligibilidade entre os falantes. Outro inquirido afirmou que: *“Há diferença porque como as línguas são diferentes uma pessoa que não conhece uma língua pensa que estão a insultá-la enquanto é assim que a pessoa fala a sua língua.”* (J. M., Bazaruto-MSI/7).

Procurámos também saber qual a língua que falaria com uma pessoa nova e que soubesse falar xihoka (pergunta 2j, anexo II) a o que a maioria dos nossos inquiridos responderam que fariam com a mesma em xihoka e os outros disseram-nos que fariam em citshwa. De facto as observações conduziram-nos a confirmação de tal facto. Mas também verificámos que os nativos só se dirigem a uma pessoa nova em xihoka quando têm pré-conhecimento de que tal pessoa de facto sabe falar o xihoka, pois em casos em que estes tenham alguma dúvida dirigir-se-lhe-ão sempre em citshwa.

#### **5.2.5. Razões que levam a que os nativos aprendam outras línguas**

Quanto ao motivo que faz com que as pessoas da ilha tenham que aprender a falar xitshwa os nossos entrevistados na sua maioria remete-nos para a questão da inteligibilidade (pergunta 2I, anexo II). *“Por causa desses vabwende que chegam*

*aqui na ilha e não sabem falar o xihoka então tentamos falar o citshwa com eles”* (S. Z., Bazaruto-PGI/20). Um dos inquiridos referiu-se aos casamentos nos seguintes termos: *“Isto começa por causa dos casamentos. Os homens agora saem para casar no continente e só conversam com as suas mulheres em citshwa assim como com os sogros por que eles só falam citshwa”* (F. C., Bazaruto-MSI/5), outro inquirido falou da troça que os nativos sofrem por parte dos vatshwa dizendo que: *“Somos motivo de riso por parte dos vabwende. Eles dizem que os matronas falam xihoka enquanto riem então nós aprendemos o citshwa. Hoje em dia os nossos filhos já não sabem xihoka. Eles aprendem o citshwa porque os vabwende riem-se de nós”* (A. Z., Bazaruto-ZGI/25). Nas observações que efectuámos, para além dos motivos avançados pelos inquiridos, verificamos que há uma série de factores sociais que estão por detrás desta situação bilingue existente na ilha. Neles incluem-se factores político-administrativos, económicos, convivência social e educação.

### 5.3. Resumo

Fizemos a apresentação dos dados neste capítulo. Na sua apresentação estes dados foram divididos em dois grupos: dados do léxico e dados das entrevistas/observação – participante. Com relação às entrevistas e observações os dados foram apresentados tendo em conta os objectivos que as nortearam.

## CAPÍTULO VI

### **Análise de dados**

#### **6.0. Introdução**

Neste capítulo, iremos proceder à análise dos dados. O tratamento dos dados compreenderá duas fases distintas.

A primeira fase, de carácter linguístico, refere-se a uma análise comparativa do xihoka com o cinyai e com o xitshwa como forma de verificarmos com qual das duas línguas o xihoka se assemelha.

A segunda, com carácter sociolinguístico, iremos discutir questões ligadas a interacção social incluindo a atitude dos falantes do xihoka em relação a esta língua sem excluir as outras línguas. Nesta fase também, iremos analisar os dados das entrevistas e das observações em paralelo de modo a podermos confrontar aquilo que corresponde ao sentimento e conhecimento dos nativos com o que de facto acontece nas situações reais de interacção.

#### **6.1. O léxico**

Neste subcapítulo iremos proceder a uma breve análise comparativa entre xihoka, cinyai e citshwa. Nele iremos nos debruçar somente sobre o estágio actual em que as palavras se encontram sem nos preocuparmos com a evolução que as mesmas sofreram. Por outras palavras, iremos fazer um estudo sincrónico e não diacrónico das três línguas.

O facto destes povos estarem naquele local pode não ser totalmente injustificável se tivermos em conta que “os vanyai situam-se numa zona de intersecção entre vatshwa e vandau” (Chambela, 1999: 20). Todas estas asserções levam-nos a pensar que o xihoka de facto é uma variante do Nda. Mas:

- Será que de facto o xihoka apresenta semelhanças com o cinyai a tal ponto de futuramente poder ser considerada uma variantes do Nda ou assemelha-se mais ao citshwa estando por isso votada a ser tida como uma variante desta língua no futuro?<sup>12</sup>

De acordo com os dados contidos nos quadros I e II (ver pág. 32 incluindo os dados do anexo I) podemos constatar que há alterações no que concerne a determinados vocábulos das três línguas em questão. Num total de 50 vocábulos do uso quotidiano dos nativos, seleccionados (para a constituição do corpus) para a comparação, verificamos que em relação às primeiras duas línguas mencionadas (xihoka e citshwa) existem 20 vocábulos comuns o que corresponde em termos de percentagem a 40 por cento.

Nos mesmos vocábulos mas em relação ao xihoka e cindau encontramos 40 vocábulos comuns o que corresponde a 80 por cento. Apesar de a percentagem entre o xihoka e o citshwa ser bastante alta, esta duplica quando a comparação passa a ser entre o xihoka e o cindau.

Estes números ainda que não sejam representativos mostram de alguma forma a semelhança ou proximidade que o xihoka tem com o cindau, como afirmam os nativos da ilha (21 dos inquiridos em resposta à pergunta 1h do inquérito).

---

<sup>12</sup> Falamos em termos futuros porque até a data não há estudos que nos possam fornecer este tipo de informação. Esta língua não consta dos Relatórios sobre a Padronização das Línguas Moçambicanas.

Assim arriscarmo-nos a afirmar que o xihoka pode ser uma variante do cindau e não do citshwa e tal facto responde a questão levantada anteriormente, aquando da discussão sobre as origens dos habitantes da ilha e onde se colocou a língua como uma das formas de se poder aventar a origem dos mesmos.

## **6.2. A língua e as interacções sociais na Ilha de Bazaruto**

### **6.2.1. O xihoka e o contacto com outras línguas**

Neste subcapítulo vamos entrar na dimensão sociolinguística do nosso trabalho onde iremos nos centrar na questão das interacções sociais e tudo que elas envolvem em termos de escolha e utilização da(s) língua(s) pelos nativos da ilha.

Na Ilha de Bazaruto, como já nos referimos anteriormente, fala-se o xihoka, o cithswa, o português e o inglês ainda que esta última de forma esporádica. Também se falam outras línguas mas, estas são nulas no contexto de comunicação insular dada a restrição e raridade com a qual se pode deparar com situações de comunicação em que estas estejam a ser usadas. De um modo geral os nativos da Ilha de Bazaruto são bilingues.

Este bilinguismo resulta do contacto de línguas existentes na ilha e que por vários factores (factores sociais anteriormente referidos, aquando da apresentação dos dados) dividem e partilham o mesmo espaço de comunicação. Mas, a dinâmica do uso das línguas existentes na ilha não é a mesma nas três zonas que a compõem, nomeadamente: Machulane-Sitone (norte), Zenguelemo (centro) e

Pangaia (sul). Tal facto resulta da dinâmica social que é diferente nas três zonas acima mencionadas. Na zona norte e centro existem dois complexos turísticos e uma sede do PNB que de forma directa contribuem e condicionam para que nestas zonas a movimentação de pessoas seja maior que na zona sul (falamos dos trabalhadores vindos do continente e dos turistas).

De um modo geral, pela análise aos dados e ao contexto insular, concluímos ser mais fácil ouvir e falar o cithswa do que o xihoka mesmo sendo esta última a língua nativa (principalmente nas zonas norte e centro). Por conseguinte, é preciso que se esteja atento a ocorrência do xihoka porque muitas vezes ela acontece no meio de uma conversa tida quase que exclusivamente em cithswa. Na sequência levantam-se as seguintes questões:

- Por que é que não é fácil ouvir falar xihoka numa comunidade de vahoka?
- Porque é que o cithswa é mais veiculado do que a língua "local"?

Para falarmos das práticas linguísticas acima mencionadas é preciso fazer referência àquilo que são as práticas sociais de uma comunidade. Nas práticas linguísticas intervêm vários factores sociais que estão por detrás da atitude dos falantes no que concerne à escolha e ao uso da língua.

Uma das práticas sociais que pode nos demonstrar a atitude dos falantes nativos na escolha e uso da língua é o acto de cumprimentar. Na ilha, uma das práticas culturais é das pessoas se cumprimentarem quando se encontram no caminho podendo fazê-lo em xihoka ou em cithswa. Mas, é frequente ouvir as pessoas a se cumprimentarem em cithswa e uma e outra vez em xihoka. Esta última língua só é escolhida quando os intervenientes sabem que são ambos nativos da ilha.

Qualquer dúvida em relação a um deles é motivo para que se escolha o citshwa. Uma das razões prende-se com o aparente complexo de inferioridade que os nativos sentem ao falar o xihoka em frente dos vatshwa pois "*somos motivo de riso por parte dos vabwende. Hoje em dia os nossos filhos já não sabem xihoka. Eles falam xitshwa porque os vabwende riem-se de nós*" (A. Z., Bazaruto-ZGI/25). Existe igualmente a questão da inteligibilidade, dado que os nativos vêm-se forçados a aprender a língua do outro para poder entendê-lo. Enquanto, por um lado, parece haver um esforço por parte dos nativos da ilha em entender o outro, por outro lado, os dados mostram-nos que existe uma atitude segregacionista por parte dos nativos que é justificada pelos não nativos da seguinte forma: "*nós (trabalhadores do hotel) sabemos da existência dessa língua que chamam xihoka mas não sabemos falar. Eles nunca falam conosco, falam entre si e conosco só falam em xitshwa*" (A. T., Bazaruto-MSI/8). Esta situação encontra suporte numa situação de comunicação observada no acampamento de Xavier Mufume.

Numa situação em que chegaram ao mesmo tempo um muhoka e um mutshwa ao referido acampamento, este (o proprietário) por sua vez ao cumprimentar e falar com os recém-chegados fê-lo de forma diferenciada falando em xihoka com o muhoka e em citshwa com o mutshwa. Durante a conversa pudemos perceber que o mutshwa até percebia o que se estava a falar em xihoka. No entanto, quando os dois nativos a ele se dirigiam faziam-no sempre em citshwa. Este facto deixa antever uma atitude de marcação de identidade em relação aos que são nativos e os que não são, uma vez que os nativos sabem de forma distinta com quem é que

1

podem e devem falar uma ou outra língua. Só que a tese da marcação de identidade nem sempre se aplica uma vez que a convivência social faz com que em determinados momentos os nativos aceitem os não nativos como membros da comunidade nativa e os vejam como se fossem nativos a ponto de interagirem com estes em xihoka. Um dos exemplos foi observado no acampamento dos Mazelete entre esta família e a senhora Célia Enosse (esta última socióloga vinda de Maputo). Ela trabalhou durante quatro anos com a comunidade insular em projectos comunitários. O longo período de permanência na ilha permitiu-lhe estar em convivência constante com os nativos da ilha. Numa passagem pelo acampamento acima mencionado ela foi saudada em xihoka da seguinte forma “*Masikati. Mamuka ké?*”<sup>13</sup> ao que ela respondeu “*si ta mukawe kharoti ku muka kwano*”<sup>14</sup> tendo se desenvolvido a partir dali uma conversa animada. Da resposta à saudação feita por um nativo a esta senhora não nativa ficou patente que esta apesar de ser “mubwende” não havia restrição nem complexo de inferioridade por parte dos nativos deste acampamento em falar o xihoka com ela. A convivência e confiança que se criou durante o tempo em que a senhora Célia esteve a trabalhar em Bazaruto levou à uma situação em que esta não é vista como “estrangeira” ou “mubwende” em termos de pertença à comunidade dos nativos. A relação de confiança aliada à convivência de nativos e não nativos faz com que os nativos sempre que estejam diante deste tipo de falantes (de xihoka não nativos) escolham no seu repertório linguístico o xihoka como língua de comunicação.

---

<sup>13</sup> Significa ‘boa tarde. Como está?’

<sup>14</sup> Significa ‘estou bem e você como está?’

De facto os dados, no geral, mostram-nos que o xihoka não se restringe somente aos falantes nativos da ilha até porque os nossos entrevistados afirmaram que se conhecessem uma pessoa não nativa e soubessem que esta sabe falar o xihoka comunicar-se-iam com ela na língua nativa. Só que nem sempre há um retorno por parte dos não nativos como pudemos observar em casa de Fernando Mutondo e Santos Zingove. Ambos são nativos e casaram-se com mulheres do continente. Apesar da convivência destas mulheres com famílias vahoka, elas não aprenderam e nem utilizam o xihoka nas suas interações. Estas senhoras falam com os seus filhos em citshwa ou em português. Também falam com os maridos e restantes familiares nestas duas línguas. Nestes casos, em que o pai é nativo e a mãe não o é, os pais escolhem quase sempre o português e o citshwa como línguas de comunicação com os seus filhos e uma e outra vez falam em xihoka. O não uso do xihoka pelos filhos prende-se ao factor educacional (na educação falamos da educação formal e informal). As crianças crescem em lares onde a língua mais usada é o citshwa. Os casamentos de nativos e não nativos (principalmente com mulheres vatshwa) contribuem para que grande parte da geração dos jovens e crianças da ilha actualmente tenham como língua primeira (L1) o citshwa. Surge assim uma divisão em termos de L1 na ilha. Na geração adulta (30 anos em diante) o xihoka é a L1 e ela (o xihoka) é prestigiada, não acontecendo o mesmo entre os jovens (por exemplo, a situação descrita no acampamento dos Zivane em Zenguelemo). Portanto, há uma mudança de L1 nas gerações que parece não estar a ser evitada por falta de manutenção do xihoka pela geração dos jovens da ilha. Os jovens são de opinião de que esta língua não

tem prestígio nem utilidade e que no futuro vai desaparecer. Um dos inquiridos afirmou o seguinte: *“hoje em dia nós, os jovens, não vemos porquê continuar a falar xihoka porque lá no continente onde nós vamos e alguns até ficam anos para continuar a estudar ninguém sabe falar xihoka. Vale a pena quando a pessoa sabe falar citshwa e português porque pode conversar com as outras pessoas de fora”* (M. Z., Bazaruto-ZGI/30). Esta opinião também é partilhada por alguns adultos como: Lacerda Mazelete, Zacarias Zivane, José Madivaje, Fernando Maguilaze e Santos Zingove).

A inevitabilidade de saber falar outras línguas também está aqui reflectida pela necessidade de inserção por parte dos jovens que se veem marginalizados por falarem uma língua que não é do conhecimento e domínio da maioria.

A educação formal contribui para que este sentimento se fortifique na medida em que, a língua adoptada pelo Governo para o Ensino é o português. Aliada a esta questão está o facto de todos os professores que leccionam na ilha serem provenientes do continente o que em termos de comunicação com os alunos se circunscreva ao português e citshwa.

Na ilha por se tratar de uma comunidade maioritariamente de pescadores, o pescado é a maior fonte de rendimento das famílias. No comércio do pescado, a questão da língua é bastante visível pois os potenciais clientes são não nativos e isto porque na cultura dos vahoka o peixe não se vende sendo dividido entre as famílias que compõem o acampamento. Dado que se pretende vender o produto os nativos tem no comércio outro grande motivo para aprender outras línguas, uma vez que não conseguiriam vender se não conhecessem a língua dos seus

clientes. Por isso é que os nativos até conhecem termos básicos do inglês pois só assim conseguem vender o peixe nas unidades hoteleiras e o artesanato local aos turistas que visitam a ilha. Com os trabalhadores dos hotéis e do PNB os nativos usam o citshwa para negociar os seus produtos. Para além dos clientes locais “*este peixe é vendido em Vilanculos e até vou ao Chimoio*” (C. M., Bazaruto- MSI/9). É por essa razão que se pode dizer que os usos na língua se relacionam com os contextos económicos.

A ilha localiza-se numa zona onde a língua predominante é o citshwa sendo esta a língua franca. O uso do citshwa relaciona-se com o facto de se assumir que esta língua é do domínio da maioria principalmente das pessoas que vêm do continente. Contudo o xihoka ainda que de forma restrita é utilizado nos limites da ilha em particular e das ilhas no geral.

### 6.3. Resumo

A análise de dados obedeceu a duas etapas de acordo com o tipo de dados e de análise pretendida. Primeiro fizemos uma breve análise do léxico selecionado para três línguas e posto isto analisámos os aspectos ligados à atitude dos nativos da Ilha de Bazaruto com relação ao seu repertório linguístico.

## CAPÍTULO VII

### Conclusão

#### 7.0. Introdução

O presente trabalho debruçou-se sobre a questão da escolha e usos linguísticos nas interacções sociais na Ilha de Bazaruto. Tal facto levou-nos a ter que considerar alguns factores que estão directa ou indirectamente relacionados com a escolha e uso de uma ou outra língua nas práticas linguísticas dos habitantes da ilha. Apresentamos de seguida as conclusões e algumas recomendações do trabalho:

#### 7.1. Conclusões

Apesar do xihoka ser a língua nativa da Ilha de Bazaruto a língua mais falada é o citshwa.

A Ilha de Bazaruto encontra-se em termos linguísticos dividida entre o xihoka, o citshwa, o português e o inglês, estas duas últimas línguas com menor incidência.

A língua nativa da ilha assemelha-se mais ao cinyai, uma das variantes da língua ndau, do que ao citshwa que é a língua nativa predominante na região onde se localiza a Ilha de Bazaruto.

A interacção social dos membros residentes na ilha é assim efectuada predominantemente nas duas primeiras línguas anteriormente referidas, tendo em

conta todos os elementos imersos neste espaço, isto é, todos os factores sociais e o que os compõem, dado que estes (factores sociais) criam uma situação na qual as práticas linguísticas ocorrem associadas a eles.

Os membros residentes na ilha interagem entre si através do xihoka o que confirma uma das nossas hipóteses, mas por vezes também utilizam o citshwa como meio de comunicação entre a comunidade nativa da ilha.

Quanto aos não nativos, a língua mais utilizada para as práticas linguísticas tem sido o citshwa, mas verificam-se casos em que os membros residentes escolhem e usam o xihoka para interagirem com pessoas que não são nativas da ilha. Daí que não podemos considerar que os nativos da ilha restringem o uso do xihoka somente aos falantes que tenham domínio da mesma. Portanto, a hipótese de que há por parte dos falantes nativos residentes na ilha uma necessidade (propositada) de manter uma certa identidade linguística associada à identidade cultural não é totalmente válida uma vez que, o uso quase que restrito desta língua prende-se com a aparente de motivação, movida pelo complexo de superioridade em relação aos nativos, por parte das pessoas vindas do continente o que faz com que esta língua não seja do domínio das populações fora dos limites da ilha ainda que a sua existência seja do conhecimento de grande parte das populações circuvizinhas.

O uso do português e do inglês restringe-se a alguns contextos de interacção onde se torna imprescindível o uso destas línguas com o risco de não se poderem comunicar com as pessoas que não saibam por vezes até da existência do xihoka como língua nativa. O factor económico é um dos factores que influencia

fortemente na condição bilingue dos nativos, por outro lado, a conjuntura social também é favorável para toda a situação existente no que concerne à escolha e usos linguísticos.

## 7.2. Recomendações

O trabalho que realizámos teve como objectivo a descrição sociolinguística da Ilha de Bazaruto tendo como base as interacções sociais.

Porém, o facto de termos respondido ao nosso objectivo não implica necessariamente que a descrição sociolinguística deste ponto do país tenha sido feita na totalidade, de tal forma que estamos cientes que muitos são os aspectos ligados a esta área que estão por esclarecer.

Assim julgamos que ficaram em aberto aspectos relacionados com a determinação da variante a que pertence o xihoka dado que a nossa análise foi bastante breve uma vez que este não era o ponto crucial do nosso trabalho. A dinâmica da manutenção desta língua no seio da comunidade insular é outro aspecto que necessita de uma investigação profunda.

Sendo assim gostaríamos de deixar a seguinte recomendação:

- a) A necessidade de se efectuar um estudo sociolinguístico ligado à manutenção da língua para se poder explicar como é que o xihoka, estando numa zona "dominada" pelo citshwa e não havendo por parte das camadas mais novas interesse em falar a língua, irá se manter no futuro de modo a que não haja risco desta língua desaparecer.

## BIBLIOGRAFIA

Appel, R. & P. Myusken

1987. *Language Contact and Bilingualism*. London: Edward Arnold.

Bitti, P & B. Zani

1997. *A Comunicação como Processo Social*. 2ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa.

Carvalho, J.

1973. *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenómeno Linguístico e a Análise das Línguas*. Coimbra: Atlântida Editora.

Chambela, R.

1999. *A Problemática das variantes da Língua Xitshwa- O Caso do Xinyai*. Maputo: Departamento de Letras Modernas.

Correia, A. et al.

1998. *Pano de Maneio Parque Nacional de Bazaruto 1999 – 2003*. Maputo: Direcção Nacional de Floresta e Fauna Bravia. Volume I: Descrição.

Duranti, A.

1997. *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Dutton, T. & R. Zolho

1990. *Conservation Master Plan for Sustained Development of the Bazaruto Archipelago*. Maputo: The Southern African Nature Foundation (SANF)

Ember, C. & M. Ember

1996. *Anthropology*. New Jersey: Prentice Hall.

Engdahl, S.; M, Bjerner & C, Enosse.

2001. *Review of local community participation and the economic contribution of the tourism industry: the case of Bazaruto archipelago, Mozambique*. Inhambane.

Faria, I.; et al.

1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Firmino, G.

1994. *A problemática da diversidade linguística face à democratização de Moçambique* (comunicação apresentada no seminário sobre "Comunicação Social e Democracia" organizado pela Organização Nacional de Jornalistas, em coordenação com a Federação Internacional de Jornalistas, Maputo, de 8 a 10/09/94) Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Departamento de Letras Modernas.

2002. *A "Questão Linguística" na África Pós-Colonial: O caso do Português e das Línguas Autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia.

Garmadi, J.

1983. *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Gumperz, J.

1971. *Language in Social Groups*: Stanford University Press.

Funzana, R.

2003. *Censo sobre a população da Ilha de Bazaruto*. Inhambane: Parque Nacional de Bazaruto.

Ricardo, G.

1999. *Estratificação da Autoridade Tradicional, sua Relação com a Utilização Comunitária dos Recursos Naturais na Ilha de Bazaruto*. Maputo: Departamento de Geografia.

Rita-Ferreira, A.

1975. *Povos de Moçambique: História e Cultura*. Porto: Afrontamento.

Silva, J.

1991. *Interferência e Variante Linguística. Algumas considerações sociolinguísticas sobre o Português falado em Moçambique.* In *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, nº 5/6. Pp 101-105.

Sitoe, B. & A. Ngunga

2000. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.* Maputo: NELIMO.

Spolsky, B.

1998. *Sociolinguistics.* Oxford: Oxford University Press.

Stroud, C.

1997. O Corpus: Antecedentes, Quadro Teórico e Aspirações Práticas. In Stroud, Christopher & Gonçalves, Perpétua (orgs.). *Panorama do Português oral de Maputo – Volume I – Objectivos e Métodos.* Maputo: INDE, pp. 11 – 45.

## ANEXO I

### 1. DADOS SOBRE O LÉXICO

Nº	Xiboka	Cithswa	Ndau	Português
1	Muzi	Yindlu	Muzi/nyumba	Casa
2	Mwanakadzi/mukadzi	Nsati	Mwanakadzi	Mulher
3	Mwanakadzi	Tombi	Tombozana	Rapariga
4	Mwana	Mwana	Mwana	Criança/filho
5	Musolo	Hloko	Musoro	Cabeça
6	Zivudzi	N'sisi	Vudzi	Cabelo
7	Idziso	Tihlo	Dzixo	Olho
8	Mulomu	Nomu/lomu	Mulomu	Boca
9	Lilimi	Lirimi/xiru	Ulimi	Língua
10	Musana	Hlana	Musana	Costas
11	Ihana	Xifuva	Xifuva	Peito
12	Mukovo	Nkava/nkovu	Xikuphu/nguvu	Umbigo
13	Daku	Raku	Daku	Nádega
14	Izamo	Vele	Zamo	Seio
15	Muvoko	Woko	Mukono	Braço
16	Igumbo	Nenge	Gumbo	Perna
17	Mukondo	Konzo	Mukondo/soka	Pé
18	Maí	Mamani	Maí	Mãe/mamã
19	Pai/baba	Bava	Baaba	Pai/papá
20	Mimba	Nyimba	Mimba	Grávida
21	Mutu	Muru	Usavi	Caril
22	Nyama	Nyama	Nyama	Carne
23	N'dzala	N'dlala	N'dzala	Fome
24	Mbende	Mbita	Mbende/cadarau	Panela
25	Ipalatu	Ngelo	Paratu	Prato
26	Vhula	Mati	Madzi/kumwa	Água
27	M'bimbi guru	M'bimbi	Madzi	Mar
28	Hove	Njhanjhi	Hove	Peixe
29	Ngalava	Ngalava	Ngalava	Barco
30	Huku	Huku	Huku	Galinha
31	Mbudzi	Mbuti	Mbudzi	Cabrito
32	Nyoka	Nyoka	Nyoka	Cobra
33	Búe	Ribyi	Kitone	Pedra
34	Kitheve	Sango	Xitheve	Esteira
35	Nguvo	Xita	Nguvo	Pano
36	Ikole	Refu	Gore	Nuvem
37	M'vhula	Vhula	M'vhura	Chuva

N°	Xihoka	Cithswa	Ndau	Português
38	Mbêpo	Moya	Mbêpo	Vento
39	Zuva	Gambu	Zuva	Sol
40	Inyeledzi	Nyeleti	Ndôndô	Estrela
41	Mwedzi	Wheti	Mwedzi	Lua
42	Nyamasi	Nyamutlha	Nyamasi	Hoje
43	Zina	Vito	Zina	Nome
44	Hubika	Kubika	Kubika	Cozinhar
45	Hudya	Kuga	Kuha	Comer
46	Keveleketa	Kuwulawula	Kuveleketa	Falar
47	Keseka	Kuhleka	Kuseka	Rir
48	Mupunga	Mpunga	Mpunga	Arroz
49	Munda	Simu/masimu	Munda	Machamba
50	Bhasa	Tiru	Bhasa	Trabalho

## ANEXO II

### 2. INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

#### 1. Dados pessoais

- a. Como se chama? Qual é a sua idade?
- b. Qual é a sua nacionalidade/ naturalidade?
- c. Onde mora: bairro?
- d. Qual é o seu estado civil?  
  
i) Solteiro(a)? ii) Casado(a)? iii) Divorciado(a)? ou iv) Viúvo(a)?
- e. Sexo: masculino (M)/ feminino (F)?
- f. Qual é a sua língua materna?
- g. Onde aprendeu a falar essa língua ou com quem?
- h. Essa língua é parecida com que língua aqui de Moçambique?
- i. Quais são as outras línguas que fala (para além da língua materna)?
- j. Qual é a sua profissão?

#### 2. Questões

- a. Qual é língua que mais usa para se comunicar (falar com as outras pessoas)?
- b. E quando está em casa qual é a língua que usa para falar com a sua família?
- c. Em que língua é que fala com os seus filhos?
- d. Tem alguma preferência pelas pessoas que falam a sua língua materna? Porquê?

- e. Que tipo de assuntos (prefere) trata com as pessoas que falam a sua língua:
- i) trabalho    ii) família    iii) política    iv) outros    v) todos
- f. Quando tem um negócio prefere tratar com pessoas que falam a sua língua materna ou trata com outras pessoas que não falam a sua língua? Porquê?
- g. Há alguma diferença quando conversa com pessoas que falam a sua língua e quando conversa com pessoas que não conhecem a sua língua? Qual é?
- h. Aqui na ilha todas as pessoas falam essa língua?
- i. Porque é que as pessoas da ilha tem que aprender a falar o citshwa por exemplo se vocês tem a vossa língua?
- j. Se conhecesse uma pessoa nova agora e que soubesse falar a sua língua para além das outras línguas que se falam aqui na ilha em que língua em que haveria de conversar com essa pessoa?
- k. Onde, porquê e com quem é que costuma falar as outras línguas que conhece?
- l. Quando tem um problema a quem recorre: as pessoas da sua linhagem ou não?
- m. Se tivesse que organizar uma festa a quem é que iria convidar: as pessoas da sua linhagem ou convidaria pessoas que não pertencem a sua linhagem mas que são seus conhecidos?
3. Sabe dizer como é que surgiu o xihoka aqui na ilha?